

O MURO

Por Maria Valéria Rezende

Hoje fecharão a última brecha do muro. Já não haverá mais passagem alguma, nem um buraco para espiar de um lado para outro, nem uma frincha sequer por onde possa minar algum fluído, já nada nem ninguém poderá entrar nem sair. Há que escolher agora de que lado permanecer. Quem ficar lá dentro será para sempre, dizem eles, para sempre. A altura do muro, cuja beirada chega ao mesmo nível que o topo do morro que ele cerca, foi calculada para que ninguém possa ultrapassá-lo, já que eles têm certeza de que nenhum dos que ali se encerrarão é capaz de voar. Não há hipótese de que os de dentro possam, como sempre fizeram, cavar túneis e, como ratos, escapar pelos esgotos da cidade.

O grande império do norte cedeu imensos blocos de um novo material cuja fórmula é secreta, sabemos apenas que é produzido com substâncias de asteróides e poeira de cauda de cometas, fruto de um fantástico esforço de desenvolvimento tecnológico para a paz, explicaram, blocos impenetráveis, assentados desde profundidades insuportáveis para seres humanos e mesmo para ex-humanos. Este é o primeiro muro desse projeto. Os planos incluem mais de uma centena deles. Serão a solução, dizem, haverá paz no mundo, afinal.

Resta uma única brecha, estreita e vertical, sobre a boca de um fosso que desce até à porta do inferno. Uma ponte de tábuas mal pregadas atravessa o fosso neste último trecho ainda vazio. A ossada de um descomunal dinossauro de ferro retém nos dentes um dos últimos blocos, sobre as nossas cabeças. Eu aqui estou, a poucos metros da abertura, tenho medo, tento compreender por que vim parar aqui, ainda espero voltar para trás, talvez. Meus olhos e meu cérebro registram tudo, com a frieza de uma câmara digital, mas tenho medo, devo ter muito medo e confusão.

Desde o início acompanhei da minha varanda o movimento das obras, ao longe. Quando assentaram a fileira superior de blocos e o espantoso projeto revelou-se por inteiro, deve ter-me deixado boquiaberta pois, um dia, há cerca de uma semana, sem que eu percebesse o perigo, o anzol de Deus físgou-me no céu da boca e desde então Ele vem puxando a linha, devagarzinho, incansável. Não me pude libertar do anzol e, debatendo-me, fui arrastada até aqui.

Deus é um pescador surdo e eu já mal posso gritar, com este anzol fincado na boca. Nem me mover posso, estendida assim, no chão, sob o corpo de um menino incrivelmente pesado, tão magro! Caímos aqui, os dois, embolados, bem no meio do rego de águas imundas que desce do morro e desaparece no sumidouro sob a ponte de tábuas. Estou do lado de dentro do muro. Nem percebi que entrava. Eu estava ainda lá fora, resistindo como podia à força da linha, quando vi um menino traçando, com um jato de tinta vermelha, sua marca tribal na superfície virgem do muro, bem ao lado da brecha, antes que os homens armados que vigiam a entrada o pudessem impedir. Mal vi quando o agarraram e lhe torceram o braço, porque a linha de Deus, como se passasse entre os corpos dos guardas e o da sua presa, num último puxão, atraiu-me

contra eles com tal violência que os separou, atirando-nos, o menino e eu, através da abertura.

Devo ter batido a cabeça com muita força, ao cair, porque me dói e ainda estou um pouco tonta. Demorei-me estirada no chão, mesmo depois que o menino se refez, saltou de pé, libertando-me, e o vi correr em direção a uma das subidas do morro, levando na mão seu spray de tinta, na ponta do braço elevado, como se carregasse uma tocha. Tive vontade de simplesmente ficar ali deitada, numa espécie de paz que me veio quando deixei de sentir a dor do anzol no céu da boca, mas à minha volta formava-se uma multidão que se adensava rapidamente, acotovelando-se, afunilando-se em direção à precária ponte de madeira sobre o fosso. Temi ser pisoteada, levantei-me com esforço, tonta, empurraram-me, para trás, mais para trás até que me vi junto ao ângulo de um dos becos que se enrosca morro acima.

Nem pensei em voltar para a passagem no muro. Deus atirou-me para dentro de seu samburá de estreita boca, já não me debato. Soube logo que subiria, mas não por qual caminho, até que vi, pouco mais adiante, numa parede suja daquele mesmo beco, a marca do menino magro, fresca e brilhante, um fio de tinta vermelha ainda escorrendo. O único sinal que eu, vagamente, podia interpretar, neste mundo estranho onde nunca antes sequer imaginei penetrar. Meti-me pela viela que, alguns metros adiante, ao topar com uma parede de zinco e madeira carcomida, quebrava-se para a esquerda. Ninguém. Tive a impressão de que já não havia mais ninguém nesse labirinto, só eu e o menino pichador, porque pouco antes de que o caminho se bifurcasse, mais acima, vi outra vez a rubra assinatura. Sem outro fio senão aquele para guiar-me, eu o segui. Hesitei na bifurcação, mas ela estava lá outra vez, a marca, dizendo-me que lado escolher, direção que tomei sem mais duvidar, entranhando-me na armadilha das ruelas intrincadas.

Afastei-me cada vez mais da saída para o mundo de fora, pouco a pouco os ruídos do tumulto lá de baixo foram-se apagando de meus ouvidos e pude perceber outros sons, muito mais próximos, por detrás das paredes lodosas que me cercavam, ruídos de vida, alguém que escarrava, alguém que gemia, sem que eu distinguisse se de dor ou de prazer, uma porta que rangia, e então comecei a vê-los, por toda parte, acima de minha cabeça, a mulher velha debruçando-se perigosamente da beirada de uma laje torta, mais adiante, um pequeno pé, calçado em borracha gasta, de alguém que virava apressadamente uma esquina, um olho congestionado, entre as duas folhas desencontradas de uma janela, uma cabeça de menina projetando-se de uma porta para logo esconder-se de novo. Espiavam-me, fugiam de mim como bichos ariscos, pensei, para em seguida perguntar-me se não teria, eu mesma, um aspecto amedrontador para eles. Mas as mal traçadas linhas vermelhas se repetiam a intervalos regulares, aparecendo sempre diante de mim quando o caminho parecia findar num ângulo abrupto, atraindo-me para cima, como antes me havia puxado a linha de Deus, e eu segui adiante porque nada mais podia fazer.

Segui, sem deter-me, sem reagir a nada, nem mesmo quando a subida tornou-se mais

íngreme e custosa, nem quando as ruelas começaram a encher-se de viventes que me olhavam descaradamente, já sem espanto, como a me desafiar, quando seu cheiro me agrediu as narinas e suas vozes me soaram duras, esganiçadas ou fanhosas, quando vi bocas que riam de mim, que estropiavam as palavras, caras escuras que eu não podia reconhecer, feios, talvez maus, imaginei, como disseram que eles são.

Compreendo agora porque já parecem ter-me esquecido. Eles continuam por aí, há milhares deles, milhares, amontoados, pelos becos, pelas vielas, nos cantos, por detrás das portas tortas, mas nem se importam mais comigo. Há pouco compreendi que já não me vêem porque me estou tornando parecida com eles. Ao virar a esquina de uma ruela deparei-me com o vulto de uma mulher envelhecida, desgrenhada, escura, como todas as outras, mas vagamente familiar. Hesitei, surpresa, creio que esbocei um gesto qualquer, interrompido pela descoberta de que diante de mim, apoiada contra uma parede, o que havia era a porta arrancada de um armário qualquer, com um resto de espelho.

Sinto-me invisível agora e, por isso talvez, segura. Continuo subindo. Irei até ao alto. Vou chegando ao topo do morro, olho para baixo e contemplo o que desde agora será tudo. O mundo condenado. Ouço gritos, o som exasperante de uma sirene, vão concluir a clausura, meu olhar alcança ainda uma nesga do outro, o lá de fora, o que será preservado, dizem. O último imenso bloco cinzento encaixa-se no seu lugar com estrondo. Escurece e já não tenho mais para onde ir.

Estou só, aqui em cima, onde não há construções humanas, apenas um imenso ovo de pedra bruta para o qual me volto e no qual me absorvo até ensurdecer, sem saber se tudo o que vi ainda existe ou se o mundo ainda está por nascer.

De repente, entre eu e a pedra, o menino do spray de tinta, o gesto rápido, sua inscrição rupestre. “Quer pichar também, tia?, sobrou tinta...”